Globethics Repository



A característica básica do estado é excluir o povo do processo de decisào [The basic characteristic of the state is to exclude people from the decision-making process]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Holloway, John, ed., Picciotto, Sol, ed.
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-14 12:08:57
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163104

***Mudar o mundo sem tomar o poder**, prefere o termo "anticapitalista" à expressão "de esquerda", e localiza nas indagações contemporâneas o germe de uma nova forma de organização social que prescindiria do Estado. Este, segundo João Pedro Stédile, conhecido líder do MST, só tem sentido se "gerir os interesses sociais em benefício da maioria". Interesses que, como destaca, só podem ser defendidos pela população organizada. Segundo o seu entender, agir de maneira coletiva e organizada é uma condição indispensável para a prevalência da esquerda. Entretanto, como fazer prevalecer as idéias de justiça social, de igualdade e fraternidade em um mundo cuja época está mudando? André Gorz, sociólogo austríaco e autor de **Adeus ao proletariado**, livro que referencia a sua obra, em uma entrevista exclusiva para o **IHU On-Line** ataca os mitos do neoliberalismo, mostrando como está nascendo uma nova economia no coração do capitalismo, e como o desenvolvimento econômico, tal como é buscado, não pode gerar o pleno emprego, devido às transformações ocorridas no mundo do trabalho. Sua entrevista é comentada por Josué Pereira da Silva e Ricardo Antunes, ambos da Unicamp e doutores em Sociologia. Por fim, teólogo Juan José Tamayo-Acosta, citado na abertura deste editorial, um dos organizadores do Fórum Mundial da Teologia da Libertação, que ocorrerá em Porto Alegre nos dias imediatamente anteriores ao FSM, fala sobre as múltiplas e novas faces da referida teologia, prognosticando a sua refundação.*

*Além dessas entrevistas que, desejamos, sejam úteis a todos os que lutamos por um "outro mundo", **IHU On-Line** apresenta também os principais eventos do Instituto Humanitas Unisinos para 2005. Esperamos que eles também contribuam, ainda que minimamente, para a formulação de indagações e respostas também úteis. Destacamos, especialmente, o Simpósio Internacional Terra Habitável. Um desafio para a humanidade. Composto de conferências, oficinas e minicursos, o Simpósio debaterá as alternativas de habitabilidade do planeta Terra, sob uma visão transdisciplinar da economia, da física, da ecologia e da teologia.*

Uma boa leitura a todas e todos!

(Voltar ao índice)

MATÉRIA DE CAPA

"A CARACTERÍSTICA BÁSICA DO ESTADO É EXCLUIR O POVO DO PROCESSO DE DECISÃO"

Entrevista com John Holloway

John Holloway não gosta da palavra "esquerda", vocábulo que lhe parece "pouco útil". Prefere "pensar em termos anticapitalistas". Lutar contra o capitalismo é, no seu entender, indispensável "para a sobrevivência dos humanos". Nascido em Dublin, na Irlanda, John Holloway doutorou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Edimburgo, Escócia, onde lecionou de 1972 a 1998, tendo-se diplomado ainda em Altos Estudos pelo Collège d'Europe. Transferido em 1993 para a Universidade de Puebla, no México, Holloway entrou em contato com a experiência zapatista e vislumbrou nela a possibilidade de ver rompida a gaiola global do poder imperial do capital. Atualmente, é professor do Instituto de Ciências Sociais e Humanidades

da Universidade Autônoma de Puebla, no México. ***IHU On-Line*** *realizou uma entrevista com John Holloway, publicada na 89ª edição de 12 de janeiro de 2004. Na mesma edição, consta uma resenha do livro do autor* ***Mudar o mundo sem tomar o poder****. São Paulo: Viramundo, 2003. A referida obra foi resgatada na 104ª edição, de 7 de junho de 2004, com a publicação de uma síntese, de autoria de Cesar Sanson, do Cepat, de Curitiba. Holloway, que foi entrevistado por e-mail, é também autor de, entre outros livros,* ***Marxismo, Estado y Capital*** *Buenos Aires: Tierra del Fuego, 1994;* ***Zapatista! Reinventing Revolution in Mexico*** *(com Eloína Peláez). London: Pluto Press, 1998;* ***Keynesianismo, una peligrosa ilusión.*** *Buenos Aires: Herramienta, 2003.*

***IHU On-Line* - Como o senhor define "esquerda"? O que é ser "de esquerda" no mundo contemporâneo?**
John Holloway - Não me agrada muito a palavra "esquerda". Não me parece muito apropriada. Prefiro pensar em termos como "anticapitalista" ou "opostos à opressão". O anticapitalismo, entretanto, está presente em todos: é parte da experiência de viver em uma sociedade capitalista.

***IHU On-Line* – Quais os caminhos para atuarmos de modo anticapitalista?**
John Holloway - O capitalismo é uma catástrofe para a humanidade. Nesse sentido, o anticapitalismo é necessário para a sobrevivência dos humanos. É preciso abandonar o capitalismo como forma de organização social e desenvolver outra forma de organizar as relações entre as pessoas. Como? Obviamente, não sabemos, mas creio que a experiência do último século indica que não é possível fazê-lo pela tomada do poder estatal. Então, temos que pensá-lo de outra forma, perguntar-nos como se pode mudar o mundo sem tomar o poder. Isso implica começar com as muitas fissuras que já existem no tecido da dominação capitalista, as muitas rebeldias e insubordinações, e perguntar como podemos ir multiplicando-as e estendendo-as.

***IHU On-Line* - O senhor considera que a sua proposição de mudar o mundo sem tomar o poder aplica-se às várias realidades continentais? Em caso positivo, quais as variantes da sua proposição que poderiam ser utilizadas, por exemplo, nos países onde a massa de excluídos é menor, e a política do bem-estar social ainda tem um mínimo vigor?**
John Holloway - Mudar o mundo implica mudar o mundo todo, e não apenas alguns países ou continentes. O movimento anticapitalista, provavelmente, tem maior vigor na América Latina neste momento, mas também os países, onde não existe a mesma pobreza intensa, têm suas contradições terríveis e suas rebeldias. Uma característica da época atual é o grau de intercâmbio de experiências e de idéias. Precisamente hoje, veio me ver um grupo de estudantes dinamarqueses que acabava de passar quatros semanas nas comunidades zapatistas em Chiapas, e não para aprender algo sobre o "terceiro mundo", mas para refletir sobre as possibilidades de mudar o mundo também na Dinamarca.

***IHU On-Line* - Se caminhamos para a extinção do Estado, ou para a mudança do seu papel histórico, como poderá ser a sociedade que resultará dessa transformação? Como o senhor imagina o trânsito entre os vários interesses sociais sem a mediação do Estado?**
John Holloway - O Estado é uma forma particular de organização social, que tem como característica básica o fato de excluir o povo do processo de decisão social. Os políticos e os funcionários, mesmo os mais honestos, se é que existem, atuam à parte do povo, pretendem ser o povo, tomam o lugar do povo. Destruir o Estado implica desenvolver formas de

organização que não excluam o povo, formas de organização baseadas na idéia de que o povo tem a capacidade de organizar sua própria sociedade. Todos temos um impulso para a autodeterminação (o desejo de nós mesmos decidirmos as coisas), um impulso que está muito presente na vida cotidiana e que se expressa em momentos de rebeldia social, na organização de assembléias ou conselhos. Todos temos a experiência constante de resolver os conflitos de interesses sem a mediação do Estado – isso é parte da amizade, é parte da vida cotidiana. As assembléias ou conselhos são uma forma de organizar este processo social. A idéia de destruir o Estado é a projeção da experiência cotidiana de todos. Quando tratamos de viver como humanos, com dignidade, estamos, inevitavelmente, lutando para destruir o capitalismo e o Estado, embora seja de forma muito contraditória.

***IHU On-Line* - No contexto abordado, como o senhor vê o Fórum Social Mundial, considerando que já transcorreram várias edições? Qual é o papel do Fórum? Como o senhor o avalia?**
John Holloway - Este ano, é a primeira vez que vou assistir ao Fórum Social Mundial. Creio que é um ponto de encontro muito importante para discutir a luta contra o capitalismo. As tensões entre diferentes enfoques que este encontro traz consigo são inevitáveis e, inclusive, saudáveis. Como o avalio? Melhor eu dizê-lo depois de ter estado aí.

(Voltar ao índice)

"A PRINCIPAL AQUISIÇÃO DO FSM É A REABILITAÇÃO DA VONTADE"
Entrevista com Robert Redeker

"Apesar de seus defeitos, como o de proceder análises com base em conceitos ultrapassados, o Fórum Social Mundial é importante porque confronta as diferentes possibilidades de fazer história. Dessa ´escola´ de ´confrontação intelectual´, a principal contribuição é 'a reabilitação da vontade'", afirma Robert Redeker, professor de Filosofia e membro do comitê de redação da revista francesa ***Les Temps Modernes.*** *Ele ressalta a expressão "diferentes possibilidades", pois não acredita que os movimentos sociais progressistas possam avançar se apoiando no conceito tradicional de "esquerda". Redeker também é membro do comitê científico do Colloque d'Albi Langage et Signification (CALS), da Université Toulouse-le-Mirail. É autor de, entre outros,* ***Le Déshumain****. Saint-Orens de Gameville: Editions Itinéraires, 2001;* ***Le sport contre les peuples****, Paris: Editions Berg International, 2002;* ***Inhuman. The Internet, Education and Humanity****. Dublin: Academica Press, 2003; e* ***Nouvelles figures de l'homme****. Latresne: Le Bord de L'eau, 2004. Está marcado para abril de 2005 o lançamento do livro* ***Utopia e Modernità****, escrito com Marcel Gauchet), que será publicado pela Città Aperta edições, de Troina, na Itália. Participou como ator do filme Autopsie d'un mensonge (Autópsia de uma mentira), longa metragem francês de Bernard Cohn e Jacques Tarnero, lançado em 2000. A entrevista que segue foi concedida por e-mail.*

***IHU On-Line* - Parece conveniente que qualquer reflexão sobre o Fórum Social Mundial considere os rumos da esquerda e, antes de tudo, o seu conceito. Na sua opinião, como pode ser definida a esquerda? Em que medida ela precisa ser reconstruída? Sua debilidade teórica é semelhante à que marca a filosofia contemporânea, tal como o senhor a descreve?**
Robert Redeker - Como definir a esquerda? Não é seguro que uma definição universal deste conceito político seja possível. Esta impossibilidade persiste quando nos atemos aos conteúdos políticos. Ao contrário, nos aproximamos de uma definição, quando nos interessamos pela